

“OFICINA DA MEMÓRIA e formação De Professor@s em São Gonçalo”

TAVARES, Maria Teresa Goudard - FFP/UERJ

ABREU, Alessandra da Costa - FFP/UERJ-EXTENSÃO

GUIMARÃES, Francisco José da Silva – FFP/UERJ – EXTENSÃO

SILVA, Adriana do Santos – FFP/UERJ – EXTENSÃO

VIANNA, Verônica Maria Gomes Pereira – FFP/UERJ - EXTENSÃO

A presente comunicação é fruto do curso da pesquisa “Alfabetização, memória e patrimônio: Um estudo sobre as possibilidades educativas do município de São Gonçalo e a formação de professores” em São Gonçalo, vinculada ao grupo de pesquisa e extensão “Vozes da Educação: memória e história das escolas de São Gonçalo”.

O trabalho foi desenvolvido a partir do curso de extensão (A) “gente de patrimônio”: oficinas da memória que teve com objetivo central ampliar os conhecimentos sobre a história e a memória local possibilitando assim uma alfabetização patrimonial às professoras da rede.

O curso teve como eixo norteador o diálogo entre as professoras da rede pública municipal e a universidade, onde o conhecimento produzido em ambos os espaços são necessários para uma reflexão sobre a prática e a teoria, com vistas a uma prática refletida.

A comunicação procura retratar a cidade como instrumento pedagógico no processo de ensino-aprendizagem, onde a leitura do mundo antecede e a acompanha a leitura da palavra num processo de Alfabetização Patrimonial. (Tavares, 2005).

As oficinas da memória tiveram como temáticas alguns eixos: Os lugares da memória, nas trilhas do patrimônio, contadores e contadoras de histórias, um baú de memórias, relações intergeracionais na escola, imagens patrimoniais a cidade que se revela/oculta nas lentes fotográficas e a cidade como um livro de espaço.

Na trajetória da realização do curso em tela, a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão tem sido um dos princípios fundamentais de nossas ações, bem como a permanente interlocução com os sistemas de ensino, em especial, com as professor@s da rede pública municipal de São Gonçalo. Nossas ações perseguem o duplo papel de estender ((ex)tender) o conhecimento produzido dentro da universidade e, ao mesmo tempo, trazer para a universidade o conhecimento produzido no cotidiano escolar, uma

vez que reconhecemos a escola como espaço-tempo de produção/atualização de uma teoria em movimento que é necessário ser (re)conhecida e apropriada pelas professor@s.

Objetivos que direcionaram a pesquisa:

- I - Colaborar para a qualificação do trabalho pedagógico nas redes educacionais de São Gonçalo, buscando interferir no processo de formação inicial e continuada das professor@s, a partir da ampliação do conhecimento sobre os processos histórico-sociais e os patrimônios materiais e imateriais inscritos na formação da cidade;
- II - Resgatar, através de narrativas e da análise documental, a história da cidade de São Gonçalo, envolvendo os sujeitos escolares nesse movimento, a partir do entrelaçamento das memórias individuais e coletivas, da história social e política, da história da educação e da instituição escolar;
- III - Tomar como foco a temática da alfabetização patrimonial, relacionando-a com a história e a memória local, construir junto aos professores e professor@s um outro olhar sobre a cidade gonçalense que visibilize o patrimônio material e imaterial em que os/as gonçalenses estão imersos.

Os diferentes caminhos da pesquisa, a alfabetização patrimonial e suas contribuições na formação das professoras.

Os diferentes desafios de um processo de investigação-formação, como o que vem sendo desenvolvido por nós, implica a utilização de uma metodologia polifônica fundamentada na pesquisa participante.

A opção pela pesquisa participante vem nos possibilitando viver a experiência de uma “comunidade investigativa” (WELLS, 1994), em que o trabalho de campo, longe de ser apenas um espaço de coleta de dados constitui um movimento de ação-reflexão-ação coletivo sobre o conhecimento, corroborando o que SANTOS (2000) defende como papel de uma pesquisa numa perspectiva emancipatória.

Na perspectiva de uma metodologia polifônica, a pesquisa tem nos desafiado a ultrapassar fronteiras e limites epistemológicos. Assim, através de uma investigação

cúmplice vimos procurando subverter a relação pesquisador@s-pesquisad@s: não mais a relação binária sujeito/objeto e sim, a relação solidária sujeito-sujeito, não mais a escolha entre o sujeito metafísico e o objeto submetido ao olhar positivista e sim, a multiplicidade do acontecer humano, não mais a identidade-mesmidade e sim, a complexidade das diferenças que nos constituem.

Neste sentido, os procedimentos metodológicos, a coleta de dados tem representado para nós uma opção político-epistemológica que, “ao desejar conhecer com” assume as implicações e as ambigüidades presentes nesse processo. O trabalho de coleta de dados e a própria pesquisa são permanentemente problematizados, assumidos como um caminho aberto, que ora potencializavam o coletivo produzindo conhecimento-emancipação, como ora o silenciavam, produzindo conhecimento-regulação. Tal opção tem exigido de nós uma “vigilância epistêmica”(SANTOS, 2000), com intuito de manter uma coerência ética nas ações de formação, bem como uma atitude cuidadosa para com as parceiras da equipe de pesquisa: professor@s e alun@s da rede pública de São Gonçalo e alun@s de cursos de graduação da FFP e UFF.

Dando corporeidade a esse referencial teórico-metodológico construímos junto com as professoras uma fundamentação teórico-metodológica em alfabetização patrimonial, encontros semanais denominados por nós de oficinas da memória”.

As ações de formação, fundadas nas “oficinas da memória”, se constituíram num espaço de narração e produção de conhecimento. Estimular as professor@s a contar a própria história nos possibilitou contribuir para a construção de um outro olhar sobre a cidade gonçalense. Olhar investigativo, que desnaturaliza o já conhecido, exercita a curiosidade epistemológica (Freire, 1996) e provoca a ampliação do conhecimento sobre os processos históricos-sociais inscritos na formação da cidade.

Oficinas da memória: espaços de narração e produção de conhecimento na formação de professores

Foram realizadas, ao longo do ano de 2005, sete oficinas da memória abarcando as seguintes temáticas: (i) “Nomes e Lugares” na qual buscamos explorar os conceitos de patrimônio, educação e alfabetização patrimonial; (ii) Em os “Lugares da memória”, além de realizarmos uma discussão sobre memória e história oral,

procuramos refletir sobre o papel da pesquisa na produção do conhecimento sobre o local; (iii) A oficina “Caminhos do patrimônio” teve como centralidade a ampliação dos conhecimentos sobre a história local e as raízes culturais da cidade; (iv) Em “Contadores e catadores de histórias” enfocamos a importância das narrativas na formação da identidade pessoal e grupal; (v) Na oficina “Um baú de memórias”: relações intergeracionais na escola procuramos aprofundar os conceitos de memória familiar e relação intergeracionais, buscando favorecer os encontros intergeracionais e a circularidade de saberes na escola; (vi) Na oficina “Imagens do patrimônio: a cidade que se revela/oculta nas lentes fotográficas”, tomamos a fotografia como fonte de pesquisa, forma de expressão, meio de informação e de comunicação; (vii) E, finalmente, na “A aula-passeio”: A cidade como um livro de espaço exploramos as possibilidades teórico-práticas da aula-passeio como dispositivo de alfabetização patrimonial.

As oficinas foram planejadas e realizadas numa perspectiva de transversalidade favorecendo o diálogo entre as temáticas e oferecendo material para novas reflexões.

Oficina 1- Nomes e Lugares - Trata-se de uma oficina introdutória ao estudo do patrimônio material e imaterial da cidade, desenvolvida em dois momentos: uma exploração inicial a cerca dos saberes dos participantes sobre a história da cidade a partir de seus bairros e a seguir uma discussão conceitual sobre as temáticas da educação e alfabetização patrimonial.

Oficina 2- Lugares da memória - Trata-se de uma oficina introdutória às temáticas da memória, história, cultura e identidade; desenvolvida em três momentos: um levantamento sobre as informações recolhidas pelos participantes sobre os lugares de memória da cidade - os bairros, seguida de uma discussão conceitual e, por último, em grupos produção de material didático que favorecesse a apropriação na escola dos conceitos trabalhados. Exemplo: “jogo da memória” como resgate do patrimônio histórico dos bairros.

Oficina 3- Caminhos do patrimônio - A oficina girou em torno do inventário do patrimônio material e imaterial da cidade como um todo e de cada bairro especificamente. A oficina dividiu-se em três momentos: (i) pesquisa do patrimônio, causos e histórias dos diferentes bairros; (ii) organização do arquivo dos dados coletados através do Caderno de Inventário; (iii) produção de material didático buscando explorar/ampliar o conhecimento do patrimônio local. Exemplo: “jogo da trilha”, trabalhando com os conceitos de patrimônio, material e imaterial.

Oficina 4- Contadores e catadores de histórias - A oficina girou em torno do inventário do patrimônio imaterial, enfocando histórias e causos da cidade. Dividiu-se em três momentos: uma leitura dramatizada como introdução para a apresentação dos conceitos de narração, narrativa e produção do conhecimento e comunidades narrativas; uma produção textual em grupos, seguida de aprofundamento dos conceitos trabalhados.

Oficina 5 - Um baú de memórias: relações intergeracionais na escola - A oficina discutiu as relações intergeracionais a partir das reflexões sobre as memórias de velhos, crianças e jovens. Dividiu-se em três momentos: a leitura do livro infantil Guilherme Augusto de Araújo Fernandes; um convite para que as cursistas compartilhassem suas memórias e montassem um coisário e uma reflexão sobre os conceitos trabalhados: memórias familiares e relações intergeracionais.

Oficina 6- Imagens do patrimônio: a cidade que se revela/oculta nas lentes fotográficas - A oficina girou em torno do uso da fotografia como um objeto da memória e como fonte de pesquisa. Num primeiro momento foram apresentadas várias fotografias de lugares da cidade, com vistas ao levantamento de hipóteses sobre a localização das mesmas. Em seguida, a partir de uma reflexão teórica sobre as diferentes contribuições da fotografia na investigação e compreensão da realidade, foi proposto uma leitura das imagens apresentadas.

Oficina 7- A aula-passeio: A cidade como um livro de espaço - A aula-passeio foi uma atividade que teve como objetivo adensar o estudo sobre o patrimônio material da cidade, desenvolvida em quatro momentos: a motivação, a preparação, a ação e a comunicação. A atividade constou de uma excursão a dois patrimônios históricos da cidade de São Gonçalo: Fazenda Columbandê e Igreja da Praia da Luz.

A experiência vivida nas oficinas confirmou a concepção que história e a memória social são produções culturais da humanidade, portanto, entendemos que a formação inicial e continuada de professor@s deve conjugar a formação técnica à formação/ampliação cultural. Nesse sentido, nossa proposta de investigação vem transversalizando alfabetização, história e memória local e Educação Patrimonial constituindo-se como uma intervenção no processo de formação tanto inicial, quanto continuada de professor@,s do ensino fundamental das escolas gonçalenses.

Alfabetização patrimonial: uma relação entre teoria e prática na formação de professor@s

Durante a realização do curso: (A) “gente do patrimônio” – Oficina de Alfabetização Patrimonial e formação de professor@s, vimos complexificando a questão da alfabetização para além de sua acepção usual na cultura escolar que, de modo geral, restringe a apropriação da língua materna ao processo de decodificação e codificação da linguagem escrita, fundada numa concepção fragmentadora que aparta a criança do seu universo sócio-cultural.

Fundamentadas em Freire (1996) vimos defendendo que aprender a ler e escrever é antes de mais nada aprender a ler o mundo, compreender o contexto, localizar-se no espaço social mais amplo. Nesse sentido, o conceito e as práticas de alfabetização se ampliam, transcendendo o seu conteúdo etimológico de lidar com as letras e palavras instrumentalmente, passando a traduzir as relações das crianças com o entorno, com a cidade, com o mundo, mediadas pela semiótica urbana e pelo meio técnico-científico-informacional.

Radicalizando a perspectiva freireana, acreditamos que a leitura de mundo precede, acompanha e amplia a leitura da palavra se transformando em palavramundo. Desse modo, estamos conceituando alfabetização patrimonial como uma ferramenta teórico-prática que possibilite ao sujeito (re)fazer a leitura do mundo que o rodeia ampliando sua compreensão do universo sócio-cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Ferramenta que lhe possibilite a produção da palavramundo, a partir do (re)conhecimento dos chamados “bens de pedra e cal” - seu patrimônio material e de um amplo e diversificado acervo de expressões culturais, tais como, festas, danças, músicas, técnicas, saberes e fazeres - seu patrimônio imaterial.

Entendemos a alfabetização patrimonial como um dispositivo de promoção e fortalecimento da cidadania, que possibilita a professor@s e alun@s a melhor compreender suas identidades culturais e a se apropriarem, do patrimônio pessoal e coletivo de seu país, de sua cidade, de seu grupo social.

A nossa perspectiva de investigação-formação questiona o modelo instrumental-cognitivo que, historicamente, fundamenta a formação docente, vê as professor@s, em especial, aquelas que atuam ou vão atuar nos primeiros anos do ensino

fundamental, como consumidoras do conhecimento produzido pela pesquisa acadêmica. Professor@s formadas/deformadas por um modelo simplificador e reducionista da ação pedagógica. Contrariamente, adotamos em nossas investigações uma perspectiva teórico-metodológica que toma as experiências e saberes das professor@s com e sobre o patrimônio material e imaterial de São Gonçalo, como referência do processo de investigação-formação.

A concepção de alfabetização patrimonial que defendemos vincula-se intimamente ao (re)conhecimento, produção e uso social dos bens culturais. A alfabetização patrimonial fundamenta-se numa política cultural voltada para a ciência e a consciência dos bens culturais materiais e imateriais de um povo.

A história e a memória social são produções culturais da humanidade, portanto, entendemos que a formação inicial e continuada de professor@s deve conjugar a formação técnica à formação cultural. Na perspectiva da alfabetização patrimonial buscamos articular a investigação sobre os chamados “bens de pedra e cal”, bem como o acervo de expressões culturais presentes na cidade de São Gonçalo, à formação de professor@s do Ensino Fundamental.

A complexidade do mundo contemporâneo coloca para a escola e para a formação de professor@s o desafio de incorporar as diferentes leituras de mundo, os diferentes contextos culturais, a pluralidade de significações e multiplicidade de saberes que constituem a alteridade dos diversos sujeitos que circulam no cotidiano da escola.

No que se refere à formação é fundamental desenvolver e trabalhar projetos que integrem a dimensão cultural ao trabalho com a memória e ao estudo do patrimônio. Projetos que valorizem as marcas culturais presentes no bairro, na escola, na cidade, no país e no mundo, num processo de reconstrução identitária que exige a destruição de representações monoculturais fundadas na redução da diferença como característica da homogeneidade.

O trabalho com a memória numa perspectiva de política cultural articula-se à alfabetização patrimonial pela pluralidade e pela singularidade das práticas que suscita, pois, tanto o trabalho com a memória quanto a alfabetização patrimonial exigem o desenvolvimento de ações diferenciadas em cada contexto cultural diferente.

A alfabetização patrimonial busca promover a leitura dos significados dos objetos materiais produzidos na e pela trajetória histórico-cultural da cidade, pela produção de uma cartografia dos lugares de memória”: locais materiais ou imateriais

(Nora, 1993) nos quais circulam e se cruzam as memórias da cidade, as memórias pessoais, as memórias familiares e as memórias de diferentes grupos étnicos-culturais. Praças, monumentos, igrejas, escolas, músicas, sabores, festas, “causos” e histórias populares, entre outros, podem constituir-se em “lugares de memória”, espelhos que simbolicamente refletem as diferentes formas de ser e estar no mundo de uma população local.

O desafio de investigar com as professor@s buscando refletir sobre as possibilidades político-epistemológicas dos patrimônios no mundo da escola tem permeado nossas ações de investigação-formação. Entendemos que o processo de investigação-formação na perspectiva da *alfabetização patrimonial* ao articular ensino-pesquisa-extensão, procura instaurar e acompanhar práticas de formação que projetem a escola como locus de preservação e socialização de marcas culturais.

Assim, a alfabetização patrimonial como uma ferramenta teórico-prática vem nos possibilitando afirmar o espaço da formação como lugar privilegiado de recriação de saberes, histórias e memórias que permitem reinventar o mundo a partir do lugar e de seu patrimônio.

Considerações finais ainda que provisórias

A pesquisa Alfabetização, Memória e Patrimônio: um estudo sobre as possibilidades educativas da cidade de São Gonçalo e a Formação de Professor@s, insere-se na perspectiva do paradigma sócio-cultural, que contemporaneamente informa a produção teórico-prática dos estudos sobre alfabetização e letramento, privilegiando a dimensão antropológica da alfabetização e conjugando-a com o princípio freireano de alfabetização como uma política cultural a favor da promoção da cidadania.

Na prática da pesquisa a polaridade alfabetização-cidadania articula-se à complexidade temática que transversaliza interculturalidade, educação patrimonial e formação de professor@s.

Ao assumir teoricamente o cotidiano em sua complexidade, procuramos no exercício do olhar investigativo mapear os fluxos que atravessam as relações que se produzem entre subjetividades e práticas, para captar nas dobras deste cotidiano, movimentos de produção de novos significados que apontem tanto para outras formas de ler-reconhecer a cidade e seu patrimônio, quanto para a produção de um outro saber-fazer no campo da alfabetização.

A construção de significados é um processo coletivo, que se encontra em contínua negociação/revisão/renegociação portanto, ações, interpretações e significações, só podem ser compreendidas a partir dos contextos específicos de relações nos quais foram gestadas. E este nível do tecido de significados que tentamos precisar ao buscar articular alfabetização, memória e patrimônio aos fatos sociais, fenômenos humanos e contextos simbólicos e sócio-culturais que engendram significados.

No presente curso de extensão tomamos o princípio da transversalidade como princípio teórico-metodológico fundamental para captar acontecimentos, representações e práticas cotidianas, colocando-as em conexão com os diferentes campos do saber. A transversalidade transita e integra conectivamente diferentes áreas do conhecimento. Do ponto de vista da prática educativa, a transversalidade representa uma ruptura político-epistemológica: os saberes já não são mais disciplinarizados ou compartimentalizados em rígidas fronteiras, estão conectados, mesclados, hibridizados, numa forma de conhecer em que as possibilidades de trânsito e de articulação são infinitas.

Entendendo o cotidiano como território da multiplicidade, vislumbramos na noção de transversalidade uma ferramenta conceitual necessária à construção de novas configurações no campo da pesquisa educacional: a investigação fundada no princípio da transversalidade, reorienta o foco de análise para a apreensão da complexidade, da pulverização, da multiplicidade e da fragmentação das relações cotidianas.

O curso na perspectiva transversal nos colocou o desafio de pensar outros sistemas de referência que não os já construídos, ao mesmo tempo em que nos exigiu exercício permanentemente do olhar investigativo, que nos possibilitou produzir outras significações e novos caminhos para o conhecimento sobre o município de São Gonçalo do Amarante e seus patrimônios.

A complexidade do real põe por terra metanarrativas e referenciais teóricos e históricos fundados na univocidade de significados. Em nossos encontros com as professoras, a explicação do real é substituída pela interpretação dos signos e significações ocultas e expressas nas representações da cidade e de seus patrimônios.

De um modo geral, em cidades periféricas, a população não reconhece o (e não se reconhece no) seu patrimônio. O curso revelou o quanto a população gonçalense necessita ser convencida de seu patrimônio. Na investigação com as professor@s tomamos a cidade como contexto alfabetizador e seu patrimônio como um texto a ser decifrado, percebido, valorizado e preservado. Na perspectiva da alfabetização

patrimonial a leitura das palavras se articula à leitura, ao reconhecimento e ao ensino do patrimônio material e imaterial da cidade e de seus processos históricos-sociais.

Assumindo nosso inacabamento e nossa incompletude como matriz da prática educativa, nos propusemos o desafio de pensar-praticar outras possibilidades para a prática alfabetizadora e para a formação de professor@s do ensino fundamental. Assim sendo, a concepção de alfabetização patrimonial que defendemos transversaliza o estudo do patrimônio (campo da educação patrimonial), com os estudos interculturais e com os estudos sobre o espaço urbano, articulando-os ao campo da formação de professor@s.

O trabalho com a memória numa perspectiva intercultural articula-se ao campo da educação patrimonial pela pluralidade e pela singularidade das práticas que suscita, pois na perspectiva da interculturalidade, tanto o trabalho com a memória quanto a educação patrimonial exigem o desenvolvimento de ações diferenciadas em cada contexto cultural diferente.

A transversalidade entre interculturalidade, educação patrimonial e formação de professor@s, engendra a produção de projetos e práticas educativas que integram a dimensão intercultural ao trabalho com a memória e ao estudo do patrimônio local, ou seja, projetos que valorizam as marcas culturais presentes no bairro, na escola, na cidade, num processo de reconstrução identitária que exige a destruição de representações monoculturais de uma visão de mundo fundada na redução da diferença como característica da homogeneidade.

A complexidade do mundo contemporâneo coloca para a escola e para a formação de professor@s o desafio de incorporar as diferentes leituras de mundo e os diferentes contextos culturais, à pluralidade de significações e multiplicidade de saberes, que constituem a alteridade dos diversos atores que circulam no cotidiano da escola.

Alteridade que se expressa nas diferentes leituras do espaço urbano. A alfabetização patrimonial reconhece, valoriza e incorpora a linguagem que se manifesta no espaço urbano usado e habitado pelos sujeitos praticantes da cidade.

O curso “(A) gente do patrimônio: oficina de memória” e a Formação de Professor@s, insere-se no campo de investigação com o cotidiano, em especial o cotidiano urbano - área pouco explorada no campo da educação formal e da alfabetização em particular - revelando a forte carga simbólica que envolve a cidade e seus patrimônios, o que possibilita professor@s e alun@s produzirem e exercitarem diferentes leituras dos sistemas signos presentes espaço urbano.

Em síntese, a perspectiva da investigação-formação, o curso buscou desenvolver junto ao grupo de professor@s, o olhar investigativo: olhar curioso e atento, que registra marcas, interpreta representações e extrai informações que lhes possibilitem perceber e reconhecer nos signos cotidianos, o patrimônio material e imaterial da cidade.

Para finalizar, podemos afirmar, sem riscos de cair na ingenuidade, que as ações de investigação-formação que vimos desenvolvendo ao longo desses dois anos de pesquisa e extensão, contribuíram para a ampliação da compreensão das professor@s da relação alfabetização-cidadania. Mais do que um novo conceito ou modalidade, a perspectiva da alfabetização patrimonial que defendemos radicaliza (no sentido de ir à raiz), a dimensão cultural da alfabetização e fortalece a dimensão da cidadania, pois articula à leitura e escrita da palavra à produção de uma outra imagem urbana, de outras representações da cidade, de outras percepções e de uma outra ordem discursiva - tradução de práticas educativas e ações urbanas formas de inserção e intervenção sobre o espaço (urbano e escolar) e o seu uso.

Referências bibliográficas:

- ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.) Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 1993.
- ARAÚJO, Mairce. PEREZ, Carmen Lúcia Vidal e TAVARES, Maria Tereza G. "Alfabetização. memória e patrimônio: um estudo sobre as possibilidades educativas da cidade de São Gonçalo e a formação de professor@s". Projeto de Pesquisa. Brasília, CNPQ, 2005. mimeo.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas 1: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASCO, Ana Carmen Jara. Sociedade e Educação Patrimonial. Revista Eletrônica do IPHAN, Rio de Janeiro, RJ, id=131, Consultado em www.revista.iphan.gov.br em 06 de fevereiro de 2006.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano 1. Artes de Fazer. Petrópolis. Vozes, 1998, 3ª ed.
- CHAUÍ, Marilena. Política cultural, Cultura política e Patrimônio Histórico. In: O direito à memória. Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo. São Paulo, 1992.
- FREIRE, Paulo. A educação como prática da liberdade. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978. _____ A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. SP: Cortez. 1986
- _____ & MACEDO, D. 1990. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. SP: Paz e Terra.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. São Paulo: ed. UNICAMP, 1990.
- PARK. Margaret Brandini (org.). Memória em Movimento na formação de professor@s: prosas e histórias. Campinas. SP: Mercado das Letras, 2000.
- SANTOS, Milton. Técnica, espaço e tempo: meio técnico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1991.
- SANTOS, Boaventura de Souza. A crítica da razão indo/ente. Contra o desperdício da experiência. Porto: Edições Afrontamento, 2000.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- TOMPSON, Paul. A Voz do Passado. História Oral. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
- WELL, Gordon. La formacion Del maestro investigativo. Madri, 1994. mimeo.

